



NEIL GAIMAN

Tradução de
Bruno Vieira Amaral

O QUE SE VÊ DA ÚLTIMA FILA

«[Um] pensador, figura de culto e um barômetro para as várias tendências da ficção nos últimos vinte anos. Um livro inestimável e estimulante.» – *NPR*

ELSINORE

ÍNDICE

13

Introdução

–

17

I – Algumas Coisas em Que Acredito

Credo, 19

Porque é que o nosso futuro depende das bibliotecas, 21

Viver de contar mentiras, 33

Três Escritores, 42

Algumas reflexões sobre mitos, 48

Todos os livros têm género, 59

Os Prémios Pen e o *Charlie Hebdo*, 65

–

69

II – Algumas Pessoas que Conheci

Terry Pratchett: um agradecimento, 71

Sobre Dave McKean, 77

Recordando Douglas Adams, 82

Sobre Stephen King, para o *Sunday Times*, 85

SIMCITY, 97

Seis para as seis, 99

–

105

III — Introduções e Meditações:

Ficção Científica

Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*, 107

No 40.º aniversário dos prémios Nebula, 113

—

119

IV — Eu, o cinema e os filmes

MirrorMask: uma introdução, 121

MirrorMask: um diário de Sundance, 128

A Natureza do Contágio, 133

Sobre Banda Desenhada e Filmes, 138

—

143

V — Sobre a banda desenhada e algumas das pessoas que a fazem

Discurso para os profissionais, 145

Confissões: sobre Astro City e Kurt Busiek, 160

Batman: de capa a capa, 166

Will Eisner: Histórias de Nova Iorque, 170

Discurso de Abertura dos Prémios Eisner, 174

Discurso dos Prémios Harvey, 180

The Best American Comics, 188

—

195

VI — Introduções e Contradições

Uma certa estranheza nas proporções, 197

Os Contos de Terror e Fantasia de Rudyard Kipling,
202

Dos Dias do Passado Futuro, 204

O Mistério do Padre Brown de G. K. Chesterton, 215

Sobre Sonhos e Pesadelos: as Histórias Oníricas
de H. P. Lovecraft, 218
So Long, and Thanks for All the Fish: um Prefácio, 224
A Traça: Uma Introdução 230
–

233

VII – Música e as Pessoas que a Fazem

Lou Reed, *in Memoriam*, 235
Waiting for the Man: Lou Reed, 240
Posfácio Posfácio: Evelyn Evelyn, 253
Who Killed Amanda Palmer, 256
–

259

VIII – Sobre Stardust e Contos de Fadas,

Era Uma Vez, 261
Sobre *The Fairy-Feller's Master-Stroke* de Richard Dadd,
268
–

275

IX – Façam Boa Arte

Façam Boa Arte, 277
–

287

X – O Que se Vê da Última Fila

O Que se Vê da Última Fila, 289
Um Deserto de Espelhos, 295
The Dresden Dolls: Halloween 2010, 308
Oito Perspetivas sobre o Monte Fuji, 323
Tantas Maneiras de Morrer na Síria, 316
Uma Falha do Teclado: Terry Pratchett, 323
–

*Para o Ash, que é novo, para quando for crescido.
Estas foram algumas das coisas que, há muito tempo, o teu pai amou,
disse, valorizou e em que acreditou.*

INTRODUÇÃO

Fugi ou, pelo menos, afastei-me desajeitadamente do jornalismo porque desejava a liberdade de inventar coisas. Não queria estar preso à verdade ou, para ser mais preciso, queria poder contar a verdade sem ter de me preocupar com os factos.

E agora, enquanto escrevo isto, reparo na imensa papelada em cima da mesa ao meu lado, em cada uma das folhas com palavras escritas por mim, páginas escritas depois de abandonar o jornalismo e nas quais me esforço bastante para não me enganar nos factos.

Por vezes, falho. Por exemplo, garante-me a Internet que não é verdade que a taxa de iliteracia dos miúdos de dez e onze anos sirva de medida para a construção de futuras celas das prisões, mas é absolutamente verdade que foi isto que o então responsável pela educação de Nova Iorque nos garantiu que acontecia. E esta manhã, ao ouvir o noticiário da BBC, fiquei a saber que metade de todos os reclusos no Reino Unido têm as competências de leitura de uma criança de dez anos, ou menos.

Este livro inclui discursos, ensaios e introduções. Algumas das introduções fazem parte deste volume porque adoro o autor ou o livro em questão e espero que o meu amor seja contagioso. Outras estão aqui porque, algures nessas introduções, fiz o possível para explicar algo que acredito ser verdade, algo que, porventura, será importante.

Os autores com quem aprendi o meu ofício ao longo dos anos eram, em muitos casos, divulgadores. Peter S. Beagle escreveu um ensaio intitulado *Tolkien's Magic Ring*, que li quando era pequeno e que me deu a conhecer Tolkien e *O Senhor dos Anéis*. Alguns anos

mais tarde, H. P. Lovecraft, num longo ensaio, e, depois dele, Stephen King, num livro breve, falaram-me de autores e histórias que tinham contribuído para moldar o género do terror e sem os quais a minha vida não estaria completa. Ursula K. Le Guin escreveu ensaios e eu fui à procura dos livros sobre os quais ela falava para ilustrar as suas ideias. Harlan Ellison era um escritor generoso e, nos seus ensaios e coletâneas, indicou-me muitos autores. Fazia-me todo o sentido a ideia de que os escritores podiam desfrutar dos livros e, por vezes, ser influenciados por eles e chamar a atenção das outras pessoas para as obras de que tinham gostado. A literatura não acontece no vazio. Não pode ser um monólogo. Tem de ser uma conversa e é preciso também trazer novas pessoas, novos leitores, para a conversa.

Espero que, algures neste livro, eu fale de um criador ou de um trabalho dele — talvez um livro, mas, eventualmente, um filme ou uma música — que vos possa deixar curiosos.

Estou a escrever isto num caderno de apontamentos, com um bebé ao colo. Grunhe e geme enquanto dorme. Faz-me feliz, mas, ao mesmo tempo, faz-me sentir vulnerável: medos antigos, há muito esquecidos, irrompem de lugares sombrios.

Há uns anos, um escritor não muito mais velho do que sou agora disse-me (sem amargura, apenas como constatação) que era bom que eu, enquanto jovem escritor, não tivesse de enfrentar as trevas que ele enfrentava todos os dias, as da consciência de que o seu melhor trabalho já tinha ficado para trás. E outro escritor, com mais de oitenta anos, disse-me que aquilo que o motivava diariamente era a consciência de que a sua melhor obra ainda estava por escrever, a obra grandiosa que, um dia, iria conseguir criar.

Aspiro à condição do segundo destes meus amigos. Gosto da ideia de que, um dia, farei algo que realmente funciona, mesmo que receie andar a dizer as mesmas coisas há trinta anos. À medida que envelhecemos, tudo o que fazemos, tudo o que escrevemos nos traz à memória algo que já fizemos ou escrevemos. Os acontecimentos rimam entre si. Já nada acontece pela primeira vez.

Escrevi muitas introduções aos meus próprios livros. São longas e descrevem as circunstâncias em foram escritas as partes do livro. Esta, por seu lado, é uma introdução breve e a maioria das partes que compõem o livro estará por sua conta, sem qualquer explicação.

Este livro não é «a não-ficção completa de Neil Gaiman». É, antes, um conjunto heterogêneo de discursos e artigos, introduções e ensaios. Alguns são sérios e outros são frívolos, assim como alguns são sinceros e outros foram escritos para despertar consciências. O leitor não está obrigado a lê-los todos ou a lê-los numa determinada ordem. Organizei-os de uma forma que me parecia fazer algum sentido — no início, os discursos e afins, e, no fim, os textos mais pessoais e sentidos. No meio, textos, artigos e exposições variadas sobre literatura, cinema, banda desenhada e música, cidades e a vida.

Há aqui textos sobre coisas e pessoas que me dizem muito. Há também aqui um pouco da minha vida: tenho a tendência para escrever a partir do ponto onde me encontro e isso significa que talvez coloque demasiado de mim naquilo que escrevo.

E agora, antes de terminar e de vos deixar com as palavras, alguns agradecimentos.

Obrigado a todos os editores que encomendaram estes artigos. «Obrigado» não chega para exprimir a gratidão a Kat Howard, que leu tantos dos meus artigos e introduções e decidiu quais os que seriam incluídos neste livro e os que seriam atirados para o esquecimento, que os ordenou de forma sensata uma meia dúzia de vezes só para eu dizer «Tenho outra ideia...» (também lhe fiz a vida negra de cada vez que ela achava de ter tudo o que precisava ao dizer-lhe «Bem, já escrevi sobre o assunto no meu ensaio sobre...», e fazendo com que tivéssemos de andar às voltas num disco rígido ou escalar estantes poeirentas até o encontrarmos). A Kat é uma santa (provavelmente, uma Joana D'Arc reencarnada). Obrigado a Shield Bonnichsen, que encontrou um ensaio de que não tínhamos qualquer outra cópia. Obrigado a Christine Di Crocco e a Cat Mihos por encontrarem coisas, por passa-las a limpo e por toda a ajuda em geral e serem maravilhosas.

NEIL GAIMAN

Muito obrigado também a Merrilee Heifetz, a minha agente, a Jennifer Brehl, a minha editora norte-americana, a Jane Morphet, a minha editora no Reino Unido, e, desde sempre e para sempre, a Amanda Palmer, a minha notável mulher.

Neil Gaiman



ALGUMAS COISAS EM QUE ACREDITO

«Acredito que, na batalha entre as armas e as ideias,
as ideias acabarão por triunfar.»

CREDO

Acredito que é difícil eliminar uma ideia porque as ideias são invisíveis e contagiosas, e deslocam-se depressa.

Acredito que podemos preparar as nossas ideias para combatermos ideias que nos desagradam. Que devemos ser livres de debater, explicar, esclarecer, discutir, ofender, insultar, enfurecer-se, escarnecer, cantar, exagerar e negar.

Não acredito que queimar, matar, rebentar com pessoas, esmagar-lhes as cabeças à pedrada (para que as ideias más saiam), afogá-las ou até mesmo derrotá-las consiga restringir as ideias que nos desagradam. As ideias surgem de onde menos se espera, tal como as ervas, e são igualmente difíceis de controlar.

Acredito que a repressão de ideias favorece a propagação dessas ideias.

Acredito que as pessoas, os livros e os jornais são depósitos de ideias, mas que queimar as pessoas que defendem essas ideias será tão ineficaz como atacar à bomba os arquivos dos jornais. Será demasiado tarde. É sempre demasiado tarde. As ideias já se espalharam, escondidas atrás dos olhos das pessoas, à espera nos seus pensamentos. Podem ser sussurradas. Podem ser escritas nas paredes pela calada da noite. Podem ser desenhadas.

Acredito que as ideias não têm de ser corretas para poderem existir.

Acredito que temos todo o direito a ter a convicção absoluta de que as imagens do deus, do profeta ou do humano que adoramos são sagradas e incorruptíveis, tal como temos o direito a estar

convicto do caráter sagrado da expressão e da santidade do direito de escarnecer, opinar, debater e a pronunciarmo-nos.

Acredito que tenho o direito de pensar e dizer coisas erradas. Acredito que a sua solução para isto deverá ser o debate comigo ou o ignorar-me e que deverei adotar a mesma solução para as coisas erradas em que eu acho que outros acreditam.

Acredito que temos o direito absoluto a pensar coisas que, para outros, são ofensivas, estúpidas, inaceitáveis e perigosas, e que temos o direito de dizer, escrever e divulgar essas coisas, e que não temos o direito de matar, mutilar, ferir ou retirar a liberdade ou propriedade de alguém por considerarmos que as suas ideias constituem uma ameaça, são insultuosas ou totalmente repugnantes. É provável que outros sintam o mesmo relativamente a alguma coisas que pensamos.

Acredito que, na batalha entre as armas e as ideias, as ideias acabarão por triunfar. Porque as ideias são invisíveis, perduram e, por vezes, podem até ser verdadeiras.

Eppur si muove: e, no entanto, move-se.

Partes deste texto foram originalmente publicadas na edição do *Guardian* de 19 de janeiro de 2015, com ilustrações de Chris Riddell. A versão definitiva foi publicada originalmente na *New Statesman* de 27 de maio de 2015, com ilustrações de Dave McKean.

PORQUE É QUE O NOSSO FUTURO DEPENDE DAS BIBLIOTECAS, DA LEITURA E DE SONHARMOS ACORDADOS: PALESTRA NA READING AGENCY, 2013

As pessoas acham importante dizerem de que lado estão, por que estão e se, de alguma forma, poderão estar a ser parciais. Como uma espécie de declaração de interesses. Assim sendo, irei falar sobre a leitura. Vou dizer que as bibliotecas são importantes. Vou sugerir que ler ficção, ler por prazer, é uma das coisas mais importantes que se pode fazer. Farei um apelo sentido para que as pessoas percebam o que são as bibliotecas e os bibliotecários, e para que protejam ambos.

E sou extraordinariamente parcial nesta questão, obviamente: sou escritor; em muitos casos, escritor de ficção. Escrevo para crianças e para adultos. Ao longo dos últimos trinta anos, tenho ganhado a minha vida através das palavras, maioritariamente a inventar coisas e a escrevê-las. É, obviamente, do meu interesse que as pessoas leiam, que leiam ficção, que existam bibliotecas e bibliotecários que ajudem a desenvolver o amor pela leitura e que existam lugares onde se possa ler.

Como tal, enquanto escritor, sou parcial.

Mas, enquanto leitor, sou muito mais parcial. E mais ainda enquanto cidadão britânico.

E eis-me aqui esta noite, a proferir esta palestra sob os auspícios da Reading Agency: uma instituição de beneficência cuja missão é a de conferir oportunidades de vida idênticas a toda a gente, ajudando-as a tornarem-se leitores convictos e entusiastas. Uma instituição de beneficência que apoia programas de literacia, bibliotecas e indivíduos, e que, de forma pura e desinteressada, incentiva o ato da leitura. Porque, segundo nos dizem, tudo muda quando lemos.

E é sobre essa mudança, sobre esse ato de leitura, que venho aqui falar esta noite. Quero falar sobre os efeitos da leitura. E para que serve.

Ouvi, certa vez, em Nova Iorque, uma conversa sobre a construção de prisões privadas — uma indústria de enorme crescimento na América. A indústria prisional tem de planejar o seu crescimento futuro: de quantas celas irá precisar? Quantos presos existirão daqui a quinze anos? Descobriram que era muito fácil prevê-lo, recorrendo a um algoritmo muito simples, com base na percentagem de crianças de dez e onze anos que não sabiam ler. E que, naturalmente, não podiam ler por prazer.

A relação não é direta: não se pode garantir que numa sociedade letrada não haja criminalidade. Mas existem correlações bastante reais.

E penso que algumas dessas correlações, as mais básicas, derivam de algo incrivelmente simples. As pessoas letradas leem ficção e a ficção serve para duas coisas. Em primeiro lugar, é uma droga que serve de porta de entrada à leitura. O impulso para se saber o que vai acontecer a seguir, de virar a página, a necessidade de prosseguir, mesmo que seja duro porque alguém está em perigo e tem de se saber como é que tudo vai acabar é um impulso muito poderoso. E obriga o leitor a aprender novas palavras, a pensar em coisas que nunca tinha pensado, a avançar. A descobrir que a leitura é, em si, um prazer. Assim que percebemos isto, estamos no caminho para ler seja o que for. E a leitura é fundamental. Há uns anos, houve por um aí um ruído que não durou muito sobre a ideia de que estaríamos a viver num mundo pós-letrado, em que a capacidade de extrair sentido das palavras escritas era, de certa forma, desnecessária, mas atualmente já não se ouve esse ruído: as palavras são mais importantes do que nunca. Navegamos pelo mundo através das palavras e, à medida que as palavras deslizam para a Internet, temos de as seguir, de comunicar e de compreender o que estamos a ler.

Quando as pessoas não se entendem umas às outras não podem trocar ideias, não podem comunicar e o alcance dos programas de tradução é limitado.

A maneira mais simples de garantir a formação de crianças letradas é ensiná-las a ler e mostrar-lhes que a leitura é uma atividade prazerosa. E isso significa, muito simplesmente, encontrar livros de que elas gostem, dando-lhes acesso a esses livros e permitindo-lhes que os leiam.

Não acredito que existam maus livros para as crianças. De vez em quando, entre os adultos, torna-se popular a ideia de identificar um determinado conjunto de livros infantis, talvez um gênero ou um autor, e declarar que esses livros não prestam, que as crianças não os deveriam ler. Já vi isso acontecer vezes sem conta. Enid Blyton foi declarada má escritora, tal como R. L. Stine e dezenas de outros escritores. Criticou-se a banda desenhada por aumentar a iliteracia.

É um disparate. É pretensiosismo e uma parvoíce.

Não há maus autores para as crianças, de que estas gostem e queiram ler e vão à procura, porque todas as crianças são diferentes. Elas conseguem encontrar as histórias de que precisam e transportam-se para essas histórias. Uma ideia batida e já muito gasta não é batida e muito gasta para alguém que a encontra pela primeira vez. Não se deve desincentivar uma criança de ler só porque se acha que está a ler o livro errado. A ficção de que não gostamos pode ser a porta de entrada para os livros que achamos que devem ler. E os gostos das pessoas divergem.

Adultos bem intencionados podem facilmente destruir o gosto de uma criança pela leitura: basta impedi-las de ler aquilo de que gostam ou dar-lhes livros importantes, porém chatos, que nós apreciamos, os equivalentes no século XXI à literatura vitoriana de «aperfeiçoamento». O resultado será uma geração convencida de que ler não é fixe e, pior, é desagradável.

Precisamos que as nossas crianças avancem na escada da leitura: o que quer que gostem de ler fará com que subam, degrau a degrau, na literacia.

(Também não façam aquilo que este autor fez quando a filha de onze anos andava a ler R. L. Stine: dar-lhe um exemplar do *Carrie*, de Stephen King, e dizer-lhe: «Se gostaste desses, vais adorar este!»)

No resto dos seus primeiros anos de adolescência, a Holly só leu histórias confortáveis de colonos nas pradarias e de cada vez que o nome de Stephen King é mencionado ainda me lança um olhar feroz.)

Em segundo lugar, a ficção ajuda a criar empatia. Quando vemos televisão ou um filme, vemos coisas a acontecerem a outras pessoas. A ficção em prosa é algo que construímos a partir de 26 letras e um punhado de sinais de pontuação e em que a pessoa sozinha, usando a imaginação, cria um mundo, povoa-o e observa-o com outros olhos. Experimentam-se sensações, visitam-se lugares e mundos que de outra maneira nunca conheceríamos. Aprendemos que toda a gente que por aí anda é também uma pessoa. Ao lermos, somos outras pessoas e ao regressarmos ao nosso mundo voltamos ligeiramente diferentes.

A empatia é uma ferramenta para integrar as pessoas em grupos, para nos permitir que sejamos mais do que indivíduos ensimesmados.

À medida que lemos, descobrimos algo que é muito importante para a forma como lidamos com o mundo. E é isto:

O MUNDO NÃO TEM DE SER ASSIM. AS COISAS PODEM SER DIFERENTES.

A ficção pode mostrar-nos um mundo diferente. Pode levar-nos a lugares onde nunca estivemos. Depois de visitarmos outros mundos, acontece-nos o mesmo a quem provou a fruta das fadas e nunca mais ficaremos completamente satisfeitos com o mundo em que crescemos. E essa insatisfação é boa: se estiverem insatisfeitas, as pessoas podem mudar e melhorar os seus mundos, deixá-los melhor do que os encontraram, torná-los diferentes.

E já que falamos disso, quero aproveitar para dizer algumas coisas sobre escapismo. Ouço o termo a ser usado como se fosse uma coisa má. Como se a ficção «escapista» fosse uma droga barata usada pelos confusos, os tolos e os iludidos, e que a única ficção válida, seja para adultos ou crianças, fosse a ficção mimética, que mostra o pior do mundo em que o leitor vive.

Se se encontrasse numa situação difícil, num lugar desagradável, rodeado de pessoas que não gostam de si e alguém lhe oferecesse

uma fuga temporária, não a aceitaria? A ficção escapista é apenas isso: é a ficção que abre uma porta, mostra a luz do sol lá fora, que lhe oferece um lugar para onde ir e onde controla as coisas, com pessoas com as quais quer estar (e não tenha dúvidas de que os livros são lugares reais). E ainda mais importante é que durante essa fuga os livros podem trazer-lhe conhecimento sobre o mundo e as suas dificuldades, dar-lhe armas e armaduras: coisas reais que poderá levar consigo de volta para a prisão. Habilidades, conhecimento e ferramentas de que se pode servir para uma fuga a sério.

Tal como C. S. Lewis nos lembrou, as únicas pessoas que são contra as fugas são os carcereiros.

Outra maneira de dar cabo do gosto de uma criança pela leitura é, claro, fazer com que à sua volta não haja qualquer livro. Ou, se houver, não lhe dar um espaço para os ler.

Eu tive sorte. Cresci perto de uma excelente biblioteca. Os meus pais eram daquele género que, a caminho do trabalho, aceitavam deixar-me na biblioteca local durante as minhas férias de verão, e os bibliotecários eram daquele género que não se importavam que houvesse por ali um rapazinho não acompanhado a dirigir-se todas as manhãs para a biblioteca infantil a investigar o catálogo à procura de livros sobre fantasmas, magia ou foguetões, à procura de vampiros, de detetives, de bruxas e prodígios. E, quando esgotei a biblioteca infantil, passei para os livros dos adultos.

Os bibliotecários eram bons. Gostavam de livros e que os livros fossem lidos. Ensinaram-me a requisitar livros de outras bibliotecas através dos empréstimos entre bibliotecas. Não eram *snoobs* em relação às minhas leituras. Pareciam apreciar a existência deste rapazinho de olhos esbugalhados que adorava ler e falavam-me sobre os livros que eu lia, arranjavam-me outros livros da mesma série, ajudavam-me. Tratavam-me como a qualquer outro leitor — nem mais, nem menos — o que queria dizer que me tratavam com respeito. Com oito anos, não estava habituado a ser tratado respeitosamente.

As bibliotecas têm que ver com liberdade. Liberdade para ler, liberdade de ideias, liberdade de comunicação. Têm que ver com

educação (que não é um processo que acaba no dia em que saímos da escola ou da universidade), com divertimento, com a criação de espaços de conforto e com o acesso à informação.

Temo que, no século XXI, as pessoas não percebam o que são as bibliotecas e para que servem. Se pensarmos nas bibliotecas como sendo estantes de livros, a ideia poderá parecer-nos antiquada ou ultrapassada, especialmente numa época em que a maioria dos livros, embora não todos, estão disponíveis digitalmente. Mas pensar assim é falhar o essencial.

Penso que tem que ver com a natureza da informação.

A informação tem valor e o valor da informação certa é enorme. Ao longo da história da humanidade, vivemos tempos de escassez de informação. Dispor da informação necessária foi sempre importante e teve sempre algum valor: quando semear, onde encontrar as coisas, os mapas e as histórias. A informação era algo valioso e aqueles que a detinham ou que a conseguiam obter podiam cobrar pelo serviço.

Nos últimos anos, passámos de uma economia de escassez de informação para uma economia movida pelo excesso de informação. Segundo Eric Schmidt, da Google, a cada dois dias a humanidade produz a mesma quantidade de informação que produziu desde o dealbar da civilização até 2003. Isto é, cerca de cinco *exabytes* de dados por dia, para aqueles que se interessam pelos números. O desafio já não é o de encontrar a planta rara a crescer no deserto, mas o de encontrar a planta certa no meio da selva. Vamos precisar de ajuda para navegar nessa informação a fim de encontrarmos aquilo que nos faz mesmo falta.

As bibliotecas são lugares onde as pessoas vão à procura de informação. Os livros são apenas a ponte do icebergue da informação: estão lá e as bibliotecas podem fornecê-los de forma gratuita e legal. Há mais crianças a requisitar livros nas bibliotecas do que nunca e livros em todos os formatos: papel, digital e áudio. Mas as bibliotecas também são, por exemplo, um lugar a que as pessoas que não tenham computador ou uma ligação à Internet vão para estar online sem terem de pagar: o que é extraordinariamente importante

quando a forma de procurarmos emprego, de nos candidatarmos a um emprego ou de requerer apoios está a transferir-se gradual e exclusivamente para o online. Os bibliotecários podem auxiliar as pessoas a navegar nesse mundo.

Acredito que nem todos os livros irão ou deverão passar para o formato digital: tal como uma vez me disse Douglas Adams, mais de vinte anos antes de aparecer o *Kindle*, um livro físico é como um tubarão. Os tubarões são antigos: antes dos dinossauros, já havia tubarões no oceano. E a razão para os tubarões continuarem a existir é que não existe nada melhor do que eles no que respeita a ser-se tubarão. Os livros físicos são resistentes, difíceis de destruir, são à prova de água, só precisam da luz do sol para ser lidos e são agradáveis ao toque: os livros são bons a serem livros e haverá sempre lugar para eles. O lugar deles é nas bibliotecas, mesmo que as bibliotecas se tenham tornado lugares a que vamos para ter acesso a livros eletrónicos, a audiolivros, a DVD e a conteúdos na rede.

Uma biblioteca é um lugar que serve de repositório da informação e permite a todos terem igual acesso à informação. O que inclui informação sobre saúde e informação sobre saúde mental. É um espaço comunitário. Devíamos pensar no que serão as bibliotecas do futuro.

A literacia é mais importante do que nunca, neste mundo de textos e e-mails, um mundo de informação escrita. Precisamos de ler e escrever, de cidadãos globais que leiam facilmente, compreendam o que estão a ler, percebam as subtilezas e sejam capazes de se fazer entender.

As bibliotecas são, na verdade, os portões do futuro. É por isso lamentável que, em todo o mundo, vejamos as autoridades locais a aproveitar a ocasião para encerrar bibliotecas com a desculpa de poupar dinheiro sem que se apercebam de que estão literalmente a roubar do futuro para pagar o presente. Estão a fechar os portões que deveriam permanecer abertos.

Segundo um estudo recente da OCDE, a Inglaterra é o «único país em que o grupo etário mais velho revela uma maior proficiência quer na literacia, quer na numeracia do que o grupo etário

mais novo, depois de contabilizados outros fatores como o género, a origem socioeconómica e o tipo de profissão».

Ou, por outras palavras, os nossos filhos e netos são menos letrados e menos proficientes nos números do que nós. Estão menos habilitados para navegar no mundo, para o compreender a fim de resolver problemas. É mais fácil mentir-lhes e enganá-los, serão menos capazes de mudar o mundo em que viverem, terão mais dificuldades em encontrar emprego. Tudo isto. Enquanto nação, a Inglaterra será ultrapassada por outros países desenvolvidos porque terá falta de mão de obra qualificada. E enquanto os políticos culpam o outro partido por estes resultados, a verdade é que temos de ensinar as nossas crianças a ler e a desfrutar da leitura.

Precisamos de bibliotecas. Precisamos de livros. Precisamos de cidadãos letrados.

Não me interessa — não acredito que seja importante — se os livros são em papel ou digitais, se está a ler um pergaminho ou a deslizar pelo ecrã. O que importa é o conteúdo.

Um livro também é o seu conteúdo e isso é importante.

É através dos livros que os mortos comunicam connosco. A forma de aprendermos lições com aqueles que já não se encontram entre nós, a forma que permitiu à humanidade desenvolver-se a si mesma, avançar, fazer do conhecimento algo progressivo e não apenas a repetição das coisas que já se sabem. Certas narrativas são mais antigas do que a maioria das nações, narrativas que sobreviveram às culturas e aos edifícios em que foram contadas pela primeira vez.

Penso que temos responsabilidades para com o futuro. Responsabilidades e obrigações para com as crianças, para com os adultos em que essas crianças se irão tornar, para com o mundo em que irão viver. Todos nós, enquanto leitores, escritores ou cidadãos, temos obrigações. Pensei em identificar aqui algumas dessas obrigações.

Penso que temos a obrigação de ler por prazer, seja em locais públicos ou privados. Se lermos por prazer, se os outros nos virem

a ler, então aprendemos, exercitamos a nossa imaginação. Mostramos aos outros que ler é bom.

Temos a obrigação de apoiar as bibliotecas. De frequentar as bibliotecas, de incentivar os outros a frequentá-las, de protestar contra o encerramento de bibliotecas. Se não damos valor às bibliotecas então não damos valor à informação, à cultura, à sabedoria. Estamos a silenciar a voz do passado e a arruinar o futuro.

Temos a obrigação de ler em voz alta aos nossos filhos. De lhes lermos coisas de que eles gostem. De lhes lermos as histórias de que já estamos cansados. De fazermos vozes, de as tornarmos interessantes e de não deixar de lhes ler só porque eles já sabem ler sozinhos. Temos a obrigação de usar esse tempo de leitura em voz alta como forma de fortalecer os laços que nos unem, um tempo em que não estamos a olhar para o telemóvel, em que pomos de parte as distrações do mundo.

Temos a obrigação de usar a linguagem. De nos esforçarmos: de procurarmos o significado das palavras e de como as utilizar, de comunicarmos de forma clara, de dizermos aquilo que queremos dizer. Não devemos tentar congelar a linguagem ou fazer de conta que é uma coisa morta digna de reverência, mas devemos usá-la como uma coisa viva, que flui, que pede emprestadas certas palavras, que permite que, com o passar do tempo, os significados e as pronúncias se alterem.

Nós, os escritores — todos os escritores, mas em especial os que escrevem para crianças — temos uma obrigação para com os nossos leitores: é a obrigação de escrever a verdade, o que é especialmente importante quando contamos histórias passadas em lugares imaginários sobre pessoas que não existem, de perceber que a verdade não está no que acontece mas no que isso nos diz sobre quem somos. Afinal de contas, a ficção é a mentira que diz a verdade. Temos a obrigação de não aborrecer os nossos leitores, de fazer com que eles sintam a necessidade de virar a página. Afinal de contas, a melhor cura para um leitor relutante é uma história que ele não consiga parar de ler. E ao mesmo tempo que temos de dizer aos nossos leitores coisas

verdadeiras e de lhes dar armas e armaduras e de lhes transmitir os ensinamentos que nós próprios colhemos na nossa curta estadia neste mundo verdejante, temos a obrigação de não pregar, de não dar sermões, de não lhes darmos à força ensinamentos morais e mensagens previamente digeridos como fazem os pássaros quando dão alimentos às crias depois de os mastigarem. E temos a obrigação de nunca, em qualquer circunstância, escrever para as crianças coisas que nós próprios não gostaríamos de ler.

Temos a obrigação de perceber e reconhecer que, enquanto escritores para a infância, o nosso trabalho é importante, porque se fizermos asneira e escrevermos livros aborrecidos que afastem as crianças da leitura e dos livros estaremos a encurtar o nosso próprio futuro e a reduzir o delas.

Todos nós — adultos e crianças, escritores e leitores — temos a obrigação de sonhar acordados. Temos a obrigação de imaginar. É fácil pensar que ninguém pode mudar as coisas, que vivemos num mundo em que o peso da sociedade é enorme e que o indivíduo é pouco mais que coisa nenhuma: um átomo numa parede, um grão de arroz num arrozal. Mas a verdade é que os indivíduos estão sempre a mudar o seu mundo, o futuro é feito pelos indivíduos e fazem-no imaginando que as coisas podem ser diferentes.

Olhe à sua volta: estou a falar a sério. Pare por um instante. Olhe para esta sala em que nos encontramos. Vou referir algo tão óbvio que, por vezes, nos esquecemos disso. É isto: tudo aquilo que vê, incluindo as paredes, foi, a certa altura, imaginado. Alguém pensou que seria mais fácil sentarmo-nos numa cadeira em vez de nos sentarmos no chão e imaginou uma cadeira. Alguém teve de imaginar uma maneira de eu estar aqui a falar em Londres sem que estivéssemos a apanhar chuva. Esta sala e todas as coisas que aqui estão, e todas as restantes coisas neste edifício, nesta cidade, só existem porque as pessoas as imaginaram, vezes sem conta. Sonharam acordadas, refletiram, construíram coisas que não funcionavam lá muito bem, descreveram coisas que ainda não existiam a pessoas que se riam delas.

E então, no tempo certo, conseguiram fazê-lo. Os movimentos políticos, os movimentos pessoais, começam todos com alguém a imaginar uma outra forma de viver.

Temos a obrigação de tornar as coisas belas, de não deixarmos um mundo mais feio do que aquele que encontramos. Uma obrigação de não esvaziar os oceanos, de não passar os problemas para a próxima geração. Temos a obrigação de limpar o que sujamos e de não deixar aos nossos filhos um mundo que, por não pensarmos a longo prazo, estragamos, defraudamos e inutilizamos.

Temos a obrigação de dizer aos nossos políticos o que queremos, de votar contra os políticos de qualquer partido que não percebem o valor da leitura na formação de cidadãos valiosos, que nada querem fazer para preservar e proteger o conhecimento e incentivar a literacia. Este não é um assunto de política partidária. É um assunto da nossa humanidade comum.

Certa vez perguntaram a Albert Einstein como é que poderíamos tornar os nossos filhos inteligentes. A sua resposta foi tão simples como sensata: «Se quiserem que os vossos filhos sejam inteligentes», disse, «leiam-lhes contos de fadas. Se quiserem que sejam ainda mais inteligentes, leiam-lhes mais contos de fadas.»

Ele percebia o valor da leitura e da imaginação. Espero que sejamos capazes de dar aos nossos filhos um mundo em que eles leiam, em que lhes leiam, em que imaginem e compreendam.

Obrigado por me ouvirem.

Proferi esta palestra, em 2013, para a Reading Agency, uma instituição de beneficência do Reino Unido que tem por missão ajudar as pessoas a tornarem-se leitores convictos.

VIVER DE CONTAR MENTIRAS E POR QUE O FAZEMOS: DISCURSO NA ATRIBUIÇÃO DA NEWBERY MEDAL, 2009

I

Caso se esteja a perguntar o que é que estou aqui a fazer — e acho que se pode dizer com alguma certeza que *eu* estou, pelo que já somos pelo menos dois —, estou aqui porque escrevi um livro, chamado *The Graveyard Book*, que em 2009 recebeu a Newbery Medal.

Isto significa que impressionei as minhas filhas por ter recebido a Newbery Medal e impressionei ainda mais o meu filho por lhe ter dito que ao ganhar a Newbery Medal tinha levado a melhor sobre as diatribes hilariantes de Stephen Colbert em *The Colbert Report*, pelo que a Newbery Medal me tornou fixe aos olhos dos meus filhos. Melhor é impossível.

Os nossos filhos raramente nos acham fixes.

II

Quando era um miúdo, aí entre os oito e os catorze anos, passava o tempo na biblioteca da minha terra durante as férias de verão. Distava uns dois quilómetros da minha casa e, por isso, convencia os meus pais a deixarem-me lá a caminho do trabalho, e quando a biblioteca fechava ia a pé para casa. Eu era uma criança estranha, inadaptada, insegura e que tinha uma grande paixão pela biblioteca da minha terra. Adorava o catálogo de cartões, sobretudo o catálogo de cartões da biblioteca infantil: referiam os temas, e não apenas os títulos

e os autores, o que me permitia escolher os temas que eu pensava que provavelmente me levariam aos livros de que gostava — temas como magia, fantasmas, bruxas ou o espaço — e então encontrava-os e lia-os.

Só que eu lia tudo, em êxtase, com fome. Literalmente com fome, embora o meu pai por vezes se lembrasse de me preparar umas sandes, que eu levava com alguma relutância (para os nossos filhos nós nunca somos fixes e, para mim, a insistência de o meu pai para eu levar as sandes fazia parte de um plano insidioso para me envergonhar), e quando já não aguentava a fome comia as sandes a correr no estacionamento da biblioteca antes de me dirigir novamente para o mundo dos livros e das estantes.

Li livros impecáveis de autores brilhantes e inteligentes, muitos deles hoje esquecidos ou fora de moda, como J. P. Martin, Margaret Storey ou Nicholas Stuart Gray. Li autores vitorianos e autores eduardianos. Descobri livros que hoje teria todo o gosto em reler e devorei livros que hoje provavelmente acharia impossíveis de ler se tentasse regressar a eles, como *Alfred Hitchcock e os Três Detetives* e afins. Eu queria livros e não fazia qualquer distinção entre bons livros e maus livros, mas apenas entre os livros que adorava, aqueles que me falavam ao coração e aqueles de que só gostava. Não me interessava como é que a história era escrita. Não havia más histórias: todas as histórias eram novas e gloriosas. E ali fiquei, durante as minhas férias de verão, a ler a biblioteca infantil, e quando acabei, e já tinha lido os livros da biblioteca infantil, aventurei-me na vastidão perigosa da secção dos adultos.

Os bibliotecários reagiam ao meu entusiasmo. Iam à procura de livros para mim. Explicaram-me os empréstimos entre bibliotecas e requisitavam-me livros de todo o sul de Inglaterra. Suspiravam e eram implacáveis na cobrança de multas por altura do regresso à escola quando inevitavelmente passava o prazo para entregar os livros que tinha requisitado.

Devo referir que os bibliotecários pedem-me sempre para não contar esta história e sobretudo para não me descrever como uma

espécie de criança selvagem que foi criada por bibliotecários pacientes em bibliotecas. Dizem-me que receiam que as pessoas possam interpretar mal a minha história e que a usem como pretexto para usarem as bibliotecas como um centro gratuito de atividades para os seus filhos.

III

É isso. Escrevi *The Graveyard Book*, que comecei em dezembro de 2005, continuei em 2006 e 2007 e terminei em fevereiro de 2008.

Então, em janeiro de 2009 estou eu num hotel em Santa Monica. Estou ali para promover a adaptação ao cinema do meu livro *Coraline e a Porta Secreta*. Tinha passado dois longos dias em entrevistas e fiquei contente quando isso acabou. À meia-noite mergulhei num banho de espuma e comecei a ler a *New Yorker*. Falei com um amigo que estava num lugar com um fuso horário diferente. Acabei de ler a *New Yorker*. Eram três da manhã. Pus o despertador para as 11h00, pendurei o sinal Não incomodar na maçaneta da porta. «Nos próximos dois dias», pensei para mim mesmo enquanto adormecia, «não vou fazer nada a não ser recuperar o meu sono e escrever.»

Duas horas depois apercebi-me de que o telefone estava a tocar. Na verdade, apercebi-me de que estava a tocar há algum tempo. De facto, pensei enquanto despertava, já tinha tocado e parado por várias vezes, o que significava que alguém me estava a tentar ligar para me dizer alguma coisa. Ou o hotel estava a arder ou tinha morrido alguém. Atendi o telefone. Era a minha assistente, Lorraine, que tinha ficado em minha casa a tomar conta de um cão em convalescença.

— A sua agente Merrilee ligou e acha que há alguém a tentar contactá-lo — disse-me.

Disse-lhe que horas eram (isto é, ou seja, cinco e meia da manhã, por amor de Deus, será que enlouqueceu? Há aqui pessoas que querem dormir). Ela disse-me que sabia que horas eram em Los Angeles, e que Merrilee, que é a minha agente literária e a mulher mais

sensata que conheço, estava mesmo convencida de que era uma coisa importante.

Levantei-me. Verifiquei o correio de voz. Não, ninguém me tinha tentado contactar. Liguei para casa para dizer à Lorraine que tudo não passava de um disparate.

— Está bem — disse — Eles ligaram para aqui. Estão agora na outra linha. Vou dar-lhes o seu número de telemóvel.

Eu ainda não tinha percebido o que se estava a passar e quem é que tentava fazer o quê. Era um quarto para as seis da manhã. Pelo menos tinha a certeza de que não morrerá ninguém. O meu telemóvel tocou.

— Olá. Fala Rose Trevino. Sou presidente do comité ALA Newbery... — «Oh», pensei eu, cansado. «Newbery. Pois. Fixe. Posso ter um livro de honra ou assim. Seria porreiro».

— E tenho aqui os jurados do comité Newbery e queremos dizer-lhe que o seu livro...

— *THE GRAVEYARD BOOK* — disseram 14 vozes tonitruantes e eu pensei: «Ainda devo estar a dormir, mas eles provavelmente não fazem isto, provavelmente não ligam às pessoas com tanto entusiasmo por causa de livros de honra.»

— ... acabou de ganhar... a *NEWBERY MEDAL* — disseram em coro. Pareciam realmente contentes. Olhei para o quarto porque tive a impressão de ainda estar a dormir. Tudo me parecia tranquilamente sólido.

«Estás em alta voz com, pelo menos, 15 professores e bibliotecários estupendos, inteligentes e decentes, pensei. Não comeces a dizer palavrões como fizeste quando recebeste o Hugo Award.» Fiz muito bem em pensar assim porque dentro de mim já se estavam a formar grandes e imponentes palavrões de quatro letras. Quer dizer, é para isso que servem. Penso que terei dito, *então está-me a dizer que hoje é segunda-feira?* Grunhi e murmurei qualquer coisa do género obrigadoobrigadoobrigadotudobemvaleutersidoacordado.

E então o mundo virou-se do avesso. Muito antes de o despertador ter tocado já eu estava num carro a caminho do aeroporto, a ser entrevistado por jornalistas em catadupa.

— Como é que se sente por ganhar o Newbery? — perguntavam-me. «Bem», respondia eu. «Sinto-me bem.»

Em criança eu tinha adorado *Um Atalho no Tempo*¹, ainda que na edição da Puffin se tivessem enganado na primeira frase, que tinha vencido a Newbery Medal, e mesmo sendo eu inglês a medalha tinha sido importante para mim.

E então perguntaram-me se eu estava a par da polémica sobre livros populares e os vencedores da Newbery e onde é que, na minha opinião, eu me encaixava no meio disso. Confessei estar a par da controvérsia.

Se vocês não estão, digo que tinha havido um tumulto online sobre o tipo de livros que recentemente tinham sido distinguidos com o prémio Newbery e sobre o tipo de livros que, de futuro, deveria receber o Newbery e se prémios como o Newbery se destinavam mais às crianças ou aos adultos. Afirmei a um jornalista que a vitória de *The Graveyard Book* tinha sido uma surpresa para mim, que partia do princípio de que prémios como o Newbery tendiam a chamar a atenção para livros que precisavam de um empurrão e que *The Graveyard Book* não precisava de um empurrão.

Sem me dar conta, pus-me do lado do populismo e mais tarde apercebi-me de que não era essa a minha intenção.

Era como se algumas pessoas acreditassem que havia uma barreira entre os livros de que se pode gostar e os livros que nos são benéficos e exigiam que eu tomasse partido. Exigiam a toda a gente que tomasse partido. Só que eu não pensava assim e continuo a não pensar assim.

Sou, e continuo a ser, do partido dos livros que amamos.

IV

Estou a escrever este discurso dois meses antes de o proferir. O meu pai morreu há um mês. Foi inesperado. Estava bem de saúde,

¹ Livro da escritora norte-americana Madeleine L'Engle publicado em 1963 e que venceu, entre outros prémios, a Newbery Medal. [N. do T.]

feliz, em melhor forma do que eu e, sem aviso, o coração dele parou. Então, triste e dormente, atravessei o Atlântico, prestei as minhas homenagens, ouvi de pessoas conhecidas que não via há mais de dez anos o quanto me pareço com o meu pai e fiz o que tinha de ser feito. E nunca chorei.

Não era que não quisesse chorar. Era mais como se naquele turbilhão de acontecimentos não houvesse tempo para parar e sentir a dor, para deixar que aquilo que tinha dentro de mim viesse à superfície. Isso nunca aconteceu.

Ontem de manhã, um amigo enviou-me um guião para eu ler. Era a história da vida de alguém. Uma vida ficcional. A mais de meio do guião, a esposa ficcional da personagem ficcional morreu e sentei-me no sofá a chorar como um adulto, com enormes soluços dolorosos e as lágrimas a escorrerem-me pelo rosto. Vieram-me todas as lágrimas que não tinha chorado pelo meu pai, deixando-me exausto e, como o mundo após uma tempestade, purificado e pronto para recomeçar.

Digo-vos isto porque é algo de que me esqueço e de que preciso de ser lembrado. E este foi um lembrete incisivo e salutar.

Faz agora um quarto de século que comecei a escrever.

Quando alguém me diz que as minhas histórias o ajudaram a enfrentar a morte de um ente querido — talvez um filho ou um pai — ou a lidar com uma doença ou uma tragédia pessoal, ou quando me dizem que os meus contos fizeram deles leitores ou lhes deram uma carreira, ou quando me mostram imagens ou palavras dos meus livros tatuadas na pele como monumentos ou memoriais de momentos que foram tão importantes para eles que precisavam de os levar para todo o lado... sempre que coisas destas aconteceram, como muitas vezes aconteceram, tendo a reagir com cortesia e gratidão, mas em última análise tendo a desvalorizá-las.

Não escrevi as histórias para ajudar as pessoas em situações difíceis e em períodos complicados. Não as escrevi para transformar não-leitores em leitores. Escrevi-as porque as histórias me interessavam, porque dentro da minha cabeça havia uma larva, uma ideiazinha

a contorcer-se que eu tinha necessidade de pôr no papel e inspecionar a fim de descobrir o que pensava e sentia em relação a ela. Escrevi-as porque queria saber o que ia acontecer a seguir às pessoas que tinha inventado. Escrevi-as para sustentar a minha família.

Como tal, ao aceitar os agradecimentos das pessoas, sentia-me quase desonesto. Tinha-me esquecido do que a ficção representava para mim quando era criança, tinha-me esquecido de como era estar na biblioteca. A ficção era uma fuga ao insuportável, uma porta de acesso a mundos incrivelmente acolhedores onde havia regras compreensíveis. As histórias tinham sido uma forma de aprender sobre a vida sem passar por ela, ou talvez de passar por ela como um envenenador do século XVIII resistia aos venenos, ingerindo-os em pequenas doses, de forma que o envenenador conseguia resistir à ingestão de produtos que seriam fatais para pessoas que a eles não estivessem habituadas. Por vezes a ficção é uma maneira de experimentarmos o veneno do mundo sem que nos seja fatal.

E então lembrei-me. Não seria a pessoa que sou sem os autores que fizeram de mim quem sou, os autores especiais, os sábios, por vezes apenas aqueles que tinham chegado primeiro.

Esses momentos de ligação, esses lugares em que a ficção nos salva a vida, não são irrelevantes. São a coisa mais importante que há.

V

Então escrevi um livro sobre os habitantes de um cemitério. Era o tipo de criança que gostava tanto dos cemitérios quanto os receava. O melhor — o melhor mesmo, a melhor coisa que se possa imaginar — do cemitério na cidade do Sussex onde cresci é que lá estava enterrada uma bruxa, que tinha sido queimada na High Street. A desilusão quando cheguei à adolescência e me apercebi, ao rere as inscrições, de que não era nada uma bruxa (era a campa de três mártires protestantes queimados na fogueira por ordem da rainha

católica) permaneceu comigo. Foi o ponto de partida, juntamente com um conto de Kipling sobre um precioso agulhão para elefantes, para o meu conto *The Witch's Headstone*. Embora seja o quarto capítulo, foi o primeiro capítulo de *The Graveyard Book* que escrevi, um livro que queria escrever há mais de vinte anos.

A ideia era muito simples, a de contar a história de um rapaz criado num cemitério, inspirada por uma imagem do meu filho Michael, com dois anos de idade — agora tem 25, a idade que eu tinha na altura, e é mais alto do que eu — no triciclo dele a pedalar pelo cemitério à luz do sol, junto à campa que eu antes pensava ser a de uma bruxa.

Tinha, como disse, 25 anos, e tive uma ideia para um livro e percebi que era um a sério.

Tentei escrevê-lo e apercebi-me de que a ideia superava as minhas capacidades enquanto escritor. Continuei a escrever, mas escrevi outras coisas, aprimorando o meu ofício. Escrevi durante vinte anos até que pensei que seria capaz de escrever *The Graveyard Book* — ou, pelo menos, que já não iria melhorar enquanto escritor.

Queria que o livro fosse constituído por vários contos, porque *O Livro da Selva* também era constituído por vários contos. E queria que fosse um romance porque era assim que o imaginava na minha cabeça. A tensão entre as duas coisas foi para mim, enquanto escritor, um prazer e um tormento.

Escrevi-o da melhor maneira que pude. Só sei escrever assim. Não quer dizer que vá sair dali alguma coisa de jeito. Quer apenas dizer que tentamos que assim seja. E, acima de tudo, escrevi a história que queria ler.

Demorei muito tempo a começar e demorei muito tempo a terminar. E então, numa noite de fevereiro, vi-me a escrever as duas últimas páginas.

No primeiro capítulo tinha escrito um poema em verso irregular e deixei os dois últimos versos por escrever. Agora era hora de o acabar, de escrever os dois últimos versos. E assim fiz. O poema, fiquei a saber, acabava:

*Enfrenta a tua vida, as suas dores, os seus prazeres,
Não deixes nenhum caminho por percorrer.*

E, por uns instantes, os meus olhos brilharam. Foi então que, pela primeira vez, percebi nitidamente o que estava a escrever. Embora me tivesse proposto escrever um livro sobre uma infância — a infância de Bod, passada num cemitério, mas que era, ainda assim, uma infância como outra qualquer — agora escrevia sobre ser pai e sobre a mais cómica e essencial de todas as tragédias da paternidade: se desempenharmos bem o nosso papel, se nós, enquanto pais, criarmos bem os nossos filhos, eles já não irão precisar de nós. Se fizermos as coisas como deve ser, eles partirão. E terão as suas vidas e as suas famílias e os seus futuros.

Sentado no fundo do jardim, escrevi a última página do livro e soube que tinha escrito um livro melhor do que aquele que eu me propusera escrever. Possivelmente um livro melhor do que eu.

Isto não se pode planear. Por vezes dá-se o máximo e, mesmo assim, o bolo não sobe. Noutras vezes o bolo sai melhor do que aquilo que imaginámos.

E então, seja a obra boa ou má, seja como imaginávamos ou tenha ficado aquém, enquanto escritores encolhemos os ombros e passamos para a próxima coisa, seja lá o que for.

É isto que fazemos.

VI

Num discurso é suposto dizermos o que vamos dizer, depois dizê-lo e, por fim, resumir o que dissemos.

Não sei ao certo o que disse aqui esta noite. Mas sei o que queria dizer:

Ler é importante.

Os livros são importantes.

Os bibliotecários são importantes. (Dizer também que as bibliotecas não são centros gratuitos de atividades para crianças, mas que por vezes certas crianças selvagens educam-se a si mesmas no meio das estantes.)

Ser considerado fixe pelos filhos é algo glorioso e improvável.

A ficção para crianças é a mais importante de todas as formas de ficção.

É isto.

Nós que inventamos histórias sabemos que vivemos de contar mentiras. Mas são mentiras boas através das quais dizemos verdades e a nossa obrigação para com os leitores é construí-las da melhor maneira que conseguirmos. Porque algures existe alguém que precisa dessa história. Alguém que crescerá com uma paisagem diferente, que sem essa história será uma pessoa diferente. E que *com* essa história poderá alcançar a esperança, ou a sabedoria, ou a bondade ou consolo.

E é por isto que escrevemos.

Este foi o meu discurso de aceitação da Newbery Medal, em 2009, atribuída a *The Graveyard Book*.


«Há aqui textos sobre coisas e pessoas que me dizem muito. Há também aqui um pouco da minha vida: tenho a tendência para escrever do ponto onde me encontro e isso significa que talvez ponha demasiado de mim naquilo que escrevo.»

Neil Gaiman é há muito conhecido do público pela sua imaginação sem limites e inteligência aguda. Neste apaixonante conjunto de ensaios, dá-se a conhecer como curioso e perspicaz observador da realidade, numa variedade de temas e argumentos que lhe são próximos, incluindo opiniões muito pessoais sobre arte e alguns artistas, literatura, cinema, viagens, sonhos, mitos e memórias.

Um livro que oferece uma visão íntima do pensamento e paixões de um dos autores mais influentes e originais do nosso tempo.

«[Neil Gaiman] é cativante, pleno de entusiasmo e vontade de aprender mais sobre o mundo.»

The Guardian

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-20-8  9 789898 864208 Mundo Contemporâneo
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	